

Sobrevivência de espécies clímax plantadas em covas com *Musa spp.* em sistemas agroflorestais

ODS15
Pesquisa

Guilherme Augusto Ferreira de Souza, Laércio Antônio Gonçalves Jacovine, Yuri Valadares de Jesus Acácio, Klisman Oliveira, Rafael Reis de Souza Alves

Introdução

As mudanças climáticas têm se tornado uma pauta cada vez mais presente nos debates da esfera pública. Dentre seus tópicos mais comentados, destaca-se os desafios dos ecossistemas para se manterem equilibrados. Acerca disto, as espécies arbóreas clímax, que representam o estágio mais avançado da sucessão ecológica, tendem a ser as mais vulneráveis nesse cenário. Assim, garantir sua permanência é essencial para as florestas avançarem em termos sucessionais.

Objetivos

Diante desse contexto, objetivou-se com o trabalho mensurar a taxa de sobrevivência de espécies florestais clímax plantadas na mesma cova com a espécie *Musa spp.* em um sistema agroflorestal.

Material e Métodos ou Metodologia

O local de estudo está situado no Espaço Aberto de Eventos da Universidade Federal de Viçosa (UFV) no município de Viçosa, Minas Gerais, Brasil (20° 45' 37,62" S e 42° 52' 29,59" O). Foram plantadas ao todo 165 mudas, sendo 33 mudas de cada uma das 5 espécies: *Pachira glabra* Pasq., *Copaifera langsdorffii* Desf., *Genipa americana* L., *Euterpe edulis* Mart., *Lecythis pisonis* Cambess. O experimento foi delineado em linhas com *Musa spp.* plantadas na mesma cova das espécies clímax e linhas sem *Musa spp.* Em 2024 realizou-se o inventário do tipo censo para mensurar a taxa de sobrevivência das espécies. Posteriormente, realizou-se o teste de Tukey para verificar se havia diferença significativa entre os tratamentos.

Resultados e/ou Ações Desenvolvidas

Esperava-se que as espécies plantadas em consórcio tivessem um aumento na sua taxa de sobrevivência devido às possíveis melhorias nas condições do ambiente, devido à presença de uma espécie agrícola de crescimento rápido, mas isto não foi verificado. Entretanto, ao realizar o teste de Tukey, observou-se que houve um resultado não significativo entre os tratamentos.

Como $T \text{ value} < Pr(>|t|)$, não foram observadas mudanças significativas entre as linhas com a *Musa spp.* e sem a *Musa spp.*

Tabela 1 – Sobrevivência com e sem *Musa spp.*

ESPÉCIE	SOBREVIVÊNCIA COM <i>Musa spp.</i> (%)	SOBREVIVÊNCIA SEM <i>Musa spp.</i> (%)
<i>Copaifera langsdorffii</i> D.	65%	69%
<i>Euterpe edulis</i> M.	0%	0%
<i>Genipa americana</i> L.	59%	44%
<i>Lecythis pisonis</i> C.	65%	44%
<i>Pachira glabra</i> P.	59%	81%

Tabela 2 – Teste Anova para análises estatísticas

Hipótese Linear:	T value	Pr (> t)
Com <i>Musa spp.</i> – Sem <i>Musa spp.</i> == 0	-0.25	0.815

Conclusões

Conclui-se que devido à diferença morfofisiológica das espécies, devem haver mais estudos para compreender as possíveis influências na sobrevivência e, até mesmo no crescimento inicial das espécies clímax.

Bibliografia

SOUZA, C. R. De et al. Functional and structural attributes of Brazilian tropical and subtropical forests and savannas. 6. ed. Viçosa-MG: Forest Ecology and Management, 2024. 121811 p. v. 558

Apoio Financeiro